

# A ESPIRITUALIDADE COMO CONEXÃO: UMA ANÁLISE DE PROSA DAS RELAÇÕES 'EU-TU' DE MARTIN BUBER ENTRE JOVENS ESTUDANTES

Patrick Ferreira<sup>1</sup>

## Resumo

Este ensaio tem como objetivo investigar a concepção de espiritualidade entre estudantes, destacando o conceito de conexão a partir da teoria das relações "Eu-Tu" de Martin Buber. Busca-se entender como os jovens interpretam a espiritualidade e a importância das conexões autênticas em suas vidas, especialmente em tempos de isolamento social, como o vivenciado durante a pandemia de COVID-19. A produção dos dados foi realizada por meio de grupos de discussão com 10 estudantes de uma escola pública e 11 estudantes de uma escola confessional, onde foram exploradas suas percepções e experiências de espiritualidade. As discussões foram gravadas, transcritas e analisadas qualitativamente para identificar temas recorrentes e significativos com base na Análise de Prosa. Os resultados revelaram que os estudantes associam fortemente a espiritualidade à ideia de conexão, seja com Deus, pessoas ou consigo mesmo. Essas percepções dos alunos estão em consonância com a teoria de Buber, evidenciando que a espiritualidade, para eles, não é restrita a práticas religiosas formais, mas está centrada em relações autênticas e significativas. Os alunos refletiram a concepção de espiritualidade como um encontro "Eu-Tu", onde a autenticidade e profundidade da conexão são essenciais. Além disso, a pandemia, ao proporcionar momentos de introspecção, facilitou experiências de conexão profunda, destacando a relevância contemporânea das ideias de Buber que pode ser uma lente útil para compreender a espiritualidade entre os jovens, especialmente em contextos de crise.

**Palavras-chave:** Espiritualidade; Conexão; Eu-Tu; Martin Buber; Jovens

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flávio Prestes Neto**

Organização Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Received: 13/08/2024

Approved: 29/11/2024

**Como citar:** FERREIRA, P. A espiritualidade como conexão: uma análise de prosa das relações 'Eu-Tu' de Martin Buber entre jovens estudantes. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 19, n. 1, p. e1640, 2024.

DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1640>

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo, e Doutor em Educação pela P Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, (Brasil). E-mail: [prpatrickvf@gmail.com](mailto:prpatrickvf@gmail.com)



# SPIRITUALITY AS CONNECTION: A PROSE ANALYSIS OF MARTIN BUBER'S 'I-THOU' RELATIONSHIPS AMONG YOUNG STUDENTS

## Abstract

This essay aims to investigate the concept of spirituality among students, highlighting the notion of connection based on Martin Buber's "I-Thou" theory. It seeks to understand how young people interpret spirituality and the importance of authentic connections in their lives, especially during social isolation like the COVID-19 pandemic. Data was collected through discussion groups with 10 public school students and 11 confessional school students, exploring their perceptions and experiences of spirituality. Discussions were recorded, transcribed, and qualitatively analyzed to identify recurring and significant themes using Prose Analysis. The results revealed that students strongly associate spirituality with the idea of connection, whether with God, others, or themselves. These perceptions align with Buber's theory, showing that spirituality for them is not limited to formal religious practices but is centered on authentic and meaningful relationships. Students reflected on the concept of spirituality as an "I-Thou" encounter, where the authenticity and depth of the connection are essential. Additionally, the pandemic, by providing moments of introspection, facilitated deep connection experiences, highlighting the contemporary relevance of Buber's ideas, which can be a useful lens for understanding youth spirituality, especially in crisis contexts.

**Keywords:** Spirituality; Connection; I-Thou; Martin Buber; Young people

# LA ESPIRITUALIDAD COMO CONEXIÓN: UN ANÁLISIS DE PROSA DE LAS RELACIONES 'YO-TÚ' DE MARTIN BUBER ENTRE JÓVENES ESTUDIANTES

## Resumen

Este ensayo tiene como objetivo investigar la concepción de espiritualidad entre estudiantes, destacando el concepto de conexión a partir de la teoría de las relaciones "Yo-Tú" de Martin Buber. Se busca comprender cómo los jóvenes interpretan la espiritualidad y la importancia de las conexiones auténticas en sus vidas, especialmente en tiempos de aislamiento social, como el vivido durante la pandemia de COVID-19. La recopilación de datos se realizó a través de grupos de discusión con 10 estudiantes de una escuela pública y 11 estudiantes de una escuela confesional, donde se exploraron sus percepciones y experiencias de espiritualidad. Las discusiones fueron grabadas, transcritas y analizadas cualitativamente para identificar temas recurrentes y significativos, basándose en el Análisis de Prosa. Los resultados revelaron que los estudiantes asocian fuertemente la espiritualidad con la idea de conexión, ya sea con Dios, con otras personas o consigo mismos. Estas percepciones están alineadas con la teoría de Buber, mostrando que la espiritualidad, para ellos, no se limita a prácticas religiosas formales, sino que se centra en relaciones auténticas y significativas. Los estudiantes reflejaron la concepción de espiritualidad



como un encuentro "Yo-Tú", donde la autenticidad y la profundidad de la conexión son esenciales. Además, la pandemia, al proporcionar momentos de introspección, facilitó experiencias de conexión profunda, destacando la relevancia contemporánea de las ideas de Buber, que pueden ser una lente útil para comprender la espiritualidad entre los jóvenes, especialmente en contextos de crisis.

**Palabras clave:** Espiritualidad; Conexión; Yo-Tú; Martin Buber; Jóvenes

## INTRODUÇÃO

Compreender a espiritualidade dos jovens na atualidade é um desafio significativo devido à complexidade e diversidade das influências culturais, sociais e tecnológicas que moldam suas experiências e perspectivas. As mudanças geradas pela pandemia de COVID-19 intensificaram esse cenário, levando os jovens a viverem em um mundo altamente conectado e digitalizado. Além disso, a exposição a diversas crenças e a busca por autenticidade em um contexto globalizado tornam difícil entender plenamente suas práticas e crenças espirituais. Muitos desses jovens exploram a espiritualidade através de novas formas de expressão e em comunidades que enfatizam a experiência de conexão com o outro, e essa concepção de espiritualidade não tem sido completamente compreendida.

Em um mundo em que a filosofia e a espiritualidade se entrelaçam, o nome do teólogo e filósofo Martin Buber (1878-1965) destaca-se na exploração da intrincada relação entre indivíduos e o divino. Seus pensamentos sobre o conceito de conexão inspiraram muitos a explorar mais profundamente o significado da espiritualidade e seu impacto em suas vidas, tanto no Judaísmo, quanto no Cristianismo (Kegley, 1962).

No cerne da filosofia de Buber está a ideia da palavra-princípio "Eu-Tu", segundo a qual uma verdadeira conexão é estabelecida entre dois seres. Esse conceito enfatiza a importância de ver os outros como indivíduos únicos com quem se pode formar um vínculo profundo e significativo (Zuben, 2015). Dessa perspectiva, a espiritualidade não tem relação com crenças pessoais ou rituais, mas se refere ao cultivo de conexões genuínas com o divino, com os outros e com o mundo natural.

Buber acreditava que a verdadeira espiritualidade surge de momentos de conexão genuína, onde se está totalmente presente e envolvido com a outra pessoa ou entidade. Para ele, esse tipo de conexão vai além da mera interação: é um encontro profundo de corações e mentes que pode levar ao crescimento pessoal e à transformação. Nesses momentos, seria



possível transcender os “eus” individuais e se conectar a uma fonte mais profunda e universal de verdade e significado.

Uma das obras mais famosas de Buber, “Eu e Tu” (1974), explora a natureza dessa conexão sagrada e como ela pode enriquecer a vida. Buber desafia seus leitores a olhar além da superfície das suas relações e a buscar as conexões mais profundas e significativas que se encontram por baixo. Ao abraçar a relação “Eu-Tu”, seria possível cultivar um senso de unidade e integridade que aproximaria os “eus” espirituais. A exploração da espiritualidade de Martin Buber através da lente da conexão oferece uma perspectiva valiosa sobre a natureza dos relacionamentos e seu papel no desenvolvimento espiritual dos jovens modernos.

O objetivo principal deste ensaio é investigar como os estudantes concebem a espiritualidade, com foco na ideia de conexão baseada na teoria das relações “Eu-Tu” de Martin Buber. Busca-se entender como eles interpretam a espiritualidade e valorizam as conexões genuínas em suas vidas, especialmente em períodos de isolamento social, como o experimentado durante a pandemia de COVID-19.

## NO PRINCÍPIO, ESTÁ A RELAÇÃO

O trabalho de Martin Buber valoriza a relação e o diálogo acima do empirismo e da objetividade, argumentando que a objetividade deve ser vista como uma forma secundária ou artificial de se relacionar com o mundo. Ele critica a visão moderna e iluminista do sujeito como uma entidade separada, substancial e racional, oposta a um mundo de “coisas em si mesmas” (Scott *et al.*, 2009, p. 3). O ego, o “Eu”, antes de ser uma entidade separada capaz de entender, usar ou desejar objetos, depende de uma relação com um outro que não pode ser objetificado. A crença fundamental de Buber é que as pessoas podem entrar numa experiência profunda umas com as outras (e com o transcendente) através do encontro real umas com as outras. Ele chama esse encontro de “Eu-Tu”.

Para Buber, existir é estar em relação, em diálogo. “No princípio,” escreve Buber, “está a relação” (1974, p. 20). Esse início também é um diálogo. Para Buber, ser humano é manter-se em uma atitude de relação ao dizer uma “palavra-princípio”. Existem, segundo Buber (1974, p. 4), duas palavras-princípio: “Eu-Tu” e “Eu-Isso”. Não se pode dizer a palavra “Eu” sem se relacionar com o mundo exterior. Essas duas palavras-princípio marcam duas maneiras de se relacionar com o mundo.



Não há eu-em-si, mas apenas o Eu da palavra-princípio Eu-Tu e o Eu da palavra-princípio Eu-Isso. [...] Quando o homem diz Eu, ele quer dizer um dos dois. O Eu ao qual ele se refere está presente quando ele diz Eu. Do mesmo modo quando ele profere Tu ou Isso, o Eu de uma ou outra palavra-princípio está presente. [...] Ser Eu, ou proferir a palavra-princípio Eu são uma só ou a mesma coisa. Proferir Eu ou proferir uma das palavras-princípio são uma só ou a mesma coisa. [...] Aquele que profere uma palavra-princípio penetra nela e aí permanece (Buber, 1974. p. 4).

As relações “Eu-Isso” são caracterizadas por experimentar e usar objetos. Aqui, a outra pessoa estaria sendo objetificada, passando a ser uma invenção do próprio pensamento. Ela se torna o que se quer que ela se torne, e não é escutada de sua própria perspectiva. Em termos mais simples, a relação “Eu-Isso” existe sempre que uma pessoa ou objeto é utilizado para atingir um fim, independentemente de quão exaltado esse fim possa ser.

Em síntese, é uma relação unilateral, um monólogo. Na verdade, segundo esse raciocínio, pode haver dois monólogos acontecendo:

- 1) O “Eu” das relações “Eu-Isso” entende e experimenta o mundo como composto de objetos localizáveis no espaço e no tempo, sem distinção entre pessoas e coisas, dentro do domínio da causalidade determinante. Essa relação, no entanto, cria um mundo de interações onde tanto o indivíduo quanto a sociedade encontram sua existência.
- 2) Dentro dessa relação, existe um domínio onde as conexões são mediadas por ferramentas que fornecem a estrutura essencial para o controle e julgamento da vida individual e social. Esse domínio não só ocupa a maior parte da vida em termos quantitativos, mas também ameaça constantemente dominar toda a vida.

Já as relações “Eu-Tu” são bilaterais, baseadas no diálogo. Nelas, um ser consciente encontra outro ser igualmente consciente. Elas são caracterizadas pelo que Buber chama de “presença” (1974, p. 14). Para o autor, o presente não é “o ponto abstrato entre passado e futuro”, mas “como o agora eterno do místico, é o presente de intensidade e totalidade” e “existe apenas na medida em que o encontro e a relação existem” (Zuben, 2015, p. 101).

Enquanto o “Isso” das relações “Eu-Isso” é determinado pela temporalidade objetiva, o “Tu” das relações “Eu-Tu” resiste a ser ordenado no espaço e no tempo. Essa conexão, para ele, consiste em estar totalmente presente e aberto à outra pessoa, o que requer um nível de empatia e compreensão que vai além de interações superficiais. Envolveria, assim, realmente



ver e aceitar a outra pessoa como ela é, sem julgamentos ou noções preconcebidas (Hycner, 1995).

Relações “Eu-Tu” vivem no que Buber chama de “o entre” (1974, p. 17), o espaço relacional criado pelo encontro. Essas relações são difíceis de descrever, precisamente porque sua natureza não é capturada na linguagem analítica orientada para objetos “Eu-Iso”. A natureza da relação “Eu-Tu” é mais bem retratada na linguagem poética de Buber:

O homem não é uma coisa entre coisas ou formado por coisas quando, estando presente diante dele, que já é meu Tu, endereço-lhe a palavra princípio. [...] Ele não é um simples Ele ou Ela limitado por outros Eles ou Elas, um ponto inscrito na rede do universo de espaço e tempo. [...] Ele não é uma qualidade, um modo de ser, experienciável, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas. Ele é tu, sem limites, sem costuras, preenchendo todo o horizonte. Isto não significa que nada mais existe a não ser ele, mas quando tudo o mais vive em sua luz (1974, p. 9).

A experiência do “Eu-Tu” é tão poderosa que não é sustentável. Nas palavras de Buber: “Não é possível viver no puro presente. A vida seria completamente consumida se não fossem tomadas precauções para subjugar o presente rápida e completamente” (1974, p. 28). Portanto, toda relação “Eu-Tu” deve se tornar uma relação “Eu-Iso”. Em outras palavras, uma vez que se experimenta o “Tu” como uma pessoa com qualidades que podem ser apreciadas separadamente, a relação efêmera “Eu-Tu” desaparece. No entanto, uma vez que um “Iso” foi um “Tu”, ele sempre tem o potencial de se tornar um “Tu” novamente. Assim, caso tenha existido uma relação “Eu-Tu” com outro, a relação contínua seria desde então caracterizada por uma alternância constante entre “Eu-Tu” e “Eu-Iso”.

Embora não se possa criar relações “Eu-Tu” pela força da vontade, uma certa abertura para seu desenvolvimento deve estar presente em ambos os lados. É, portanto, possível que uma pessoa tenha uma relação “Eu-Iso” com outra que nunca se torne “Eu-Tu”. Se uma relação é caracterizada exclusivamente por experimentar e usar, então o outro nunca se torna um “Tu” (Buber, 1974).

Para o pensador, é claro que as relações “Eu-Iso” são, não apenas inevitáveis, como também essenciais para viver no mundo. É somente por meio das relações “Eu-Iso” que se permite o desenvolvimento e acúmulo de conhecimento e é somente através delas que a ordenação científica da natureza pode ser alcançada. Relações “Eu-Iso”, no entanto, só têm significado a serviço do “Eu-Tu”. Buber expressa: “e com toda a seriedade da verdade, ouça: o



homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem" (Buber, 1974, p. 74). Novamente, nas palavras de Buber:

Não é como se a compreensão científica e estética não fossem necessárias; mas elas são necessárias ao homem para que ele possa fazer seu trabalho com precisão e mergulhá-lo na verdade da relação, que está acima do entendimento e o reúne em si mesma (1974, p. 48).

As interações "Eu-Tu" ocorreriam entre duas pessoas que estão abertas uma à outra em sua singularidade fundamental. Kramer (2003, p. 18) afirmou que esses encontros "são necessários para nos tornarmos seres humanos completos". A razão para isso é que uma pessoa não poderia existir como um ser pessoal isoladamente, devendo ser levada à plena realização de si mesma pelo olhar do outro. Esse encontro é recíproco. Cada pessoa no diálogo torna-se um "Tu" para o outro se cada um estiver comprometido com uma interface honesta.

Para Buber (1974), a ênfase excessiva em relações "Eu-Isso" é perigosa, pois o aumento da capacidade de usar e experimentar vem às custas do poder de entrar em relação. São as relações "Eu-Tu" que dariam significado à vida e que tornariam as pessoas plenamente humanos. Assim, uma espiritualidade desconectada das bases relacionais que lhe dão significado torna-se um exercício estéril e tem potencial para causar dano. Em contraste, relações "Eu-Tu" dariam significado à espiritualidade.

Buber acreditava que a humanidade foi criada com um "Tu inato" (1974, p. 31). É por causa dessa capacidade inata de conhecer e ser conhecido que cada relacionamento particular "Eu-Tu" reflete o relacionamento com o "Tu Eterno", que é Deus (Buber, 2007, p. 48). De acordo com Kramer (2003, p. 24), Buber entendia que o princípio central do trabalho de sua vida era que o relacionamento "Eu-Tu" entre as pessoas reflete intimamente o relacionamento "Eu-Tu" que os humanos têm com Deus. O relacionamento genuíno com qualquer "Tu" mostra vislumbres do "Tu Eterno".

O "Tu Eterno" refere-se, em Buber, à ideia de que existe um aspecto transcendente em cada relação que estabelecemos. Quando realmente há envolvimento entre duas pessoas, não há apenas interação entre as presenças físicas, mas sim entre suas essências, o verdadeiro "Eu". Esse reconhecimento espiritual da outra pessoa eleva a relação a uma dimensão superior e mais profunda, onde ambos os indivíduos podem experimentar uma sensação de unicidade e interconexão (Araújo, 2014).





Buber (1974) argumenta que a relação “Eu-Tu” mais completa e plena é aquela que se estabelece com o “Tu Eterno”, ou seja, com Deus. Esse “Tu Eterno” é descrito como o centro vivo, a fonte de todas as relações verdadeiras. Dentro do relacionamento com o “Tu eterno” é que as relações “Eu-Tu” parciais podem ocorrer, pois é essa conexão divina que permitiria a verdadeira profundidade e autenticidade nos relacionamentos humanos. Buber (1974, p. 87) nos diz: “As linhas de todas as relações, se prolongadas, entrecruzam-se no Tu eterno”. Logo, quando uma pessoa se relaciona com Deus de maneira plena, essa experiência reflete e influencia todas as outras relações “Eu-Tu” que ela estabelece.

De acordo com Stevenson (1963), para qualquer "estrutura separada", seja um indivíduo ou uma sociedade, que se construa sobre a separação e a independência radical, a admissão da dependência e da interconexão inerente à relação “Eu-Tu” é ameaçadora. Essas estruturas se baseiam na noção de autonomia completa, na ideia de que sua existência não depende de um outro. Admitir a necessidade de um relacionamento profundo e interdependente seria reconhecer a fragilidade dessa separação.

Por outro lado, para aqueles que mantêm um relacionamento com o “Tu eterno”, a possibilidade de um relacionamento “Eu-Tu” pleno não seria apenas possível, mas desejável. Eles estariam abertos a admitir essa interdependência porque compreendem que sua conexão com o divino é a base que sustenta todas as outras relações verdadeiras. Essa abertura para o relacionamento pleno não é vista, nesse caso, como uma ameaça, mas como uma expressão da verdadeira essência do ser.

O conceito de “Tu Eterno” desafia o ser humano a ver cada relação como uma oportunidade de crescimento e conexão. Ao reconhecer que cada indivíduo é um ser criado à imagem de Deus, pode-se cultivar conexões mais profundas e significativas. O “Tu Eterno” torna-se a origem de todas as relações “Eu-Tu”, o que significa que a capacidade de se relacionar profundamente com o outro vem da conexão com o divino (Ndubisi, 2020).

Esse “Tu Eterno” seria, então, a base que permite a existência de relações autênticas, onde a individualidade do outro é plenamente reconhecida e respeitada (Ndubisi, 2020). Nos termos de Buber, uma interpretação moderna de espiritualidade como “conexão” alinha-se com seu conceito de relação “Eu-Tu”, onde os indivíduos se envolvem com os outros de maneira totalmente presente e empática, tratando-se como seres únicos e valiosos. A verdadeira espiritualidade surge, sob essa perspectiva, do encontro direto e pessoal com o





transcendente. Essa forma de conexão supera meras transações ou interações superficiais, permitindo um sentido mais profundo de pertencimento e unidade.

Quando se analisa a percepção de espiritualidade entre os jovens na contemporaneidade, nos deparamos com a ideia de "conexão" como um elemento central. Para muitos jovens, a espiritualidade pode não se limitar necessariamente às práticas religiosas tradicionais, mas pode ser percebida como uma busca por conexões autênticas e significativas. Essa perspectiva de "espiritualidade como conexão" pode envolver uma busca por relações que promovam um sentido de pertencimento, compreensão e propósito.

A relação entre essas duas concepções de espiritualidade – a de Buber e a dos jovens – pode ser vista como de convergência. Ambas enfatizam a importância de relações genuínas e profundas. No contexto de Buber, a relação "Eu-Tu" é uma forma de conexão que transcende a superficialidade e a instrumentalização das relações, buscando uma experiência de reciprocidade e mutualidade. De maneira semelhante, os jovens atuais, como poderá ser visto, buscam conexões que transcendem o materialismo e o individualismo predominantes na sociedade moderna, buscando experiências que proporcionem um sentido mais profundo de existência e a interconexão.

## **METODOLOGIA**

Para obtenção dos dados desta pesquisa, foram utilizados dois Grupos de Discussão, com a participação de 21 estudantes no total, realizados em duas escolas (uma confessional e uma pública), com a finalidade de retratar, segundo a opinião desses jovens, o papel da escola na constituição da espiritualidade. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas e, por fim, foi realizada uma categorização com base na Análise de Prosa, de André (1983), que consiste em uma forma de investigação qualitativa, que se atenta para aspectos subjetivos e se estrutura em tópicos e temas, que são gerados a partir do exame das prosas oriundas das discussões.

A dinâmica de um grupo de discussão envolve a troca verbal de ideias, opiniões e experiências entre os participantes. Durante essas interações, a comunicação se dá de forma natural e espontânea, utilizando a linguagem cotidiana. Quando essas falas são transcritas, elas formam um texto contínuo que se caracteriza pela ausência de estrutura métrica ou rítmica própria da poesia, constituindo, portanto, um tipo de prosa.



Os tipos de prosa incluem a descrição de uma ação ou de uma série de ações para contar uma história, a descrição de cenas, de objetos, de pessoas ou mesmo de sentimentos de uma pessoa e até mesmo um argumento usado na intenção de explicar uma ideia (Mardalena, 2014). A prosa é a forma mais natural e espontânea de comunicação, pois as pessoas falam e escrevem em prosa, fazendo uso de frases de tamanhos variados para expressar uma ideia (Pawson, 2012).

A prosa gerada em grupos de discussão possui algumas características únicas. Primeiramente, ela reflete a oralidade original dos participantes, capturando a fluidez, as interrupções e a informalidade típica das conversas. Além disso, o texto transcrito pode incluir elementos como gírias, expressões regionais e variações linguísticas que são comuns na fala, mas menos frequentes na escrita formal.

Outra característica importante é a estrutura dialógica. Diferentemente de um texto narrativo ou descritivo convencional, a prosa de um grupo de discussão é marcada pela alternância de vozes, criando um mosaico de perspectivas. Essa multiplicidade de vozes enriquece o texto, proporcionando uma visão multifacetada do tema em debate. As interações entre os participantes, como perguntas, respostas, concordâncias e discordâncias, constroem uma narrativa coletiva que oferece uma compreensão mais ampla e diversa do assunto tratado “sobre a base de contextos de vivências comuns” (Bohnsack, 2020).

Adicionalmente, a prosa transcrita de um grupo de discussão pode apresentar uma certa desorganização aparente, devido à natureza fragmentada e às vezes caótica das conversas. Essa aparente desordem pode revelar a riqueza do processo comunicativo, mostrando como as ideias se desenvolvem, se transformam e se moldam através da interação social.

Apesar das vantagens metodológicas dos grupos de discussão e da análise de prosa, algumas limitações devem ser consideradas. Primeiramente, a espontaneidade e a informalidade das interações podem dificultar a interpretação precisa de certas falas. Gírias, expressões regionais e interrupções frequentes criam uma prosa rica em contexto, mas que pode perder clareza ao ser analisada fora do ambiente original de discussão. Esse tipo de comunicação informal, enquanto oferece autenticidade, também introduz ambiguidade e incerteza interpretativa, especialmente quando os tópicos são subjetivos, como a espiritualidade (Bauer; Gaskell, 2008). A análise de prosa demanda um esforço interpretativo



significativo para decifrar a intenção dos participantes sem descontextualizar ou distorcer suas expressões.

Outra limitação está na própria estrutura dialogal dos grupos, em que as múltiplas vozes e perspectivas podem gerar uma complexidade que dificulta a categorização precisa dos dados. A alternância constante de falantes e a fragmentação das ideias durante o debate, que naturalmente enriquecem o material, também podem tornar a análise mais desafiadora. A categorização temática se torna um processo sensível, já que pode ser influenciada por interpretações subjetivas dos pesquisadores (Minayo, 2007).

Além disso, a presença de dinâmicas de grupo, como a influência de participantes mais assertivos sobre os demais, pode impactar as respostas, potencialmente limitando a variedade de opiniões e afetando a autenticidade das vozes mais tímidas ou hesitantes. Esses fatores reforçam a necessidade de cuidado ao interpretar os resultados para evitar vieses e representar com fidelidade as experiências dos participantes (Bogdan; Biklen, 1982).

A escolha pela “análise de prosa” como metodologia para esta pesquisa se justifica pela sua capacidade de capturar e interpretar a riqueza das interações verbais de forma natural e contextualizada. Diferentemente de métodos quantitativos ou de abordagens qualitativas mais estruturadas, a “análise de prosa” permite explorar nuances das expressões dos participantes, preservando a espontaneidade e a complexidade das falas como se apresentam em conversas cotidianas (Lüdke; André, 1986).

Esse método pode ser, como se verá, adequado para investigar temas subjetivos, como a espiritualidade, pois se concentra nas camadas de significado e nas emoções subjacentes, que são manifestas nas trocas verbais informais. Além disso, ele possibilita a categorização de ideias e sentimentos sem diluir o conteúdo original, proporcionando uma visão mais autêntica e profunda das percepções dos participantes.

Dessa forma, ao utilizar a “análise de prosa”, é possível valorizar as vozes dos jovens em sua expressão plena, refletindo suas perspectivas sobre espiritualidade. Em termos de análise, a prosa oriunda de grupos de discussão é um material valioso para pesquisadores. Ao estudar essas transcrições, é possível identificar padrões de linguagem, dinâmicas de poder, processos de negociação de significado e muitas outras nuances da comunicação humana.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das prosas sobre o conceito de espiritualidade entre os jovens revela uma perspectiva contemporânea essencial para compreender as dinâmicas espirituais na sociedade atual. Estudos que valorizam a percepção dos jovens são cruciais, pois oferecem *insights* autênticos sobre como as novas gerações interpretam e vivenciam o mundo, muitas vezes de maneiras que desafiam as convenções tradicionais.

A valorização dessas percepções não apenas enriquece o campo de estudos da espiritualidade, mas também proporciona um entendimento mais profundo das necessidades e aspirações espirituais dos jovens. Como será explorado a seguir, essas percepções poderão ser vistas como um reflexo da busca por conexões significativas e transcendentais. Vamos analisar as principais ideias apresentadas pelos alunos em relação a suas concepções de espiritualidade. Abaixo você encontra excertos das prosas dos participantes e, em seguida, a sua análise:

Não precisa ser diretamente Deus, pode ser qualquer coisa: uma pessoa, um amigo, não sei. É a conexão. Porque espiritualidade pra mim só vem conexão na minha cabeça, não sei o porquê, mas quando falam em espiritualidade vem muito esse negócio de conexão, então, tipo, as pessoas precisam, necessariamente, acreditar e seguir aquilo, por exemplo, tem gente que acredita em Deus, mas não tem uma religião, mas Deus é uma motivação pra continuar, então pode ser uma pessoa talvez, um familiar. [...] Tipo você sentir uma conexão com o que você crer. A espiritualidade é isso pra mim. [...] Acho que é basicamente uma conexão com o que você acredita. [...] É sobre acreditar em algo maior e sobre a conectividade entre o quem você acredita e o que você acredita (Aluno 5).

Foi o que eu pensei em citar aqui, eu dei mais, por exemplo do que eu acredito, com aquilo que eu me conecto comigo mesma. [...] Tipo você sentir uma conexão com o que você crer. A espiritualidade é isso pra mim. Acho que é basicamente uma conexão com o que você acredita. [...] É sobre acreditar em algo maior e sobre a conectividade entre o quem você acredita e o que você acredita. Eu acho que religião é tipo uma doutrina e espiritualidade não está relacionada a isso, pelo menos na minha visão. Você pode ter uma espiritualidade, por exemplo, de uma conexão que ele falou, você estar conectado com você mesmo. Entendeu? (Aluno 6).

Eu acho que a quarentena trouxe ... eu gosto muito desse negócio de conexão, conexão com você mesmo ou conexão, por exemplo, eu acredito em Deus, por exemplo, uma conexão indireta com Deus, uma conexão com a minha mente e entender, isso pra mim, eu valorizo muito. E a quarentena, como o Gustavo falou, me proporcionou muitos momentos sozinha e eu



consegui me conectar diretamente comigo, me entender melhor na quarentena, entender meus sentimentos e isso pra mim é a minha espiritualidade é a minha conexão comigo e conseguir me conectar com coisas que eu acredito, por exemplo, me conectar diretamente com Deus, entendeu? (Aluno 5).

## ESPIRITUALIDADE COMO CONEXÃO

Os excertos em destaque evidenciam que, na percepção dos estudantes, a espiritualidade está intrinsecamente ligada à ideia de conexão, seja com Deus ou com pessoas. Essa visão está alinhada com a teoria de Buber, que sugere que a espiritualidade emerge na relação “Eu-Tu”, onde o encontro autêntico e significativo com o outro (seja humano, divino ou o mundo natural) é central.

A relação “Eu-Tu” implica um envolvimento profundo e genuíno, sem objetificação do outro, o que ressoa com a ideia “um tipo de conexão com o outro” (Dresner; Siebers, 2019, p. 123), mencionada pelos estudantes. O conceito de conexão que eles mencionam pode ser compreendido como a experiência do encontro “Eu-Tu”. A espiritualidade, na concepção de Buber, está na experiência de encontro e conexão (Stroumsa, 1998).

## CONEXÃO INDIRETA E DIRETA

Nas prosas, as falas “Acredito em Deus, por exemplo, uma conexão indireta com Deus, uma conexão com a minha mente e entender, isso pra mim, eu valorizo muito” e “Você pode ter uma espiritualidade, por exemplo, de uma conexão que ele falou, você estar conectado com você mesmo. Entendeu?”, os alunos discutem a ideia de uma conexão indireta com Deus, que pode ser entendida como uma relação “Eu-Tu” onde o Divino é encontrado através da introspecção e da conexão consigo mesmo. Essa perspectiva, de acordo com Von Zuben (1979), está alinhada com a filosofia de Martin Buber, que vê o autoconhecimento como um ato essencial para a vida.

Buber sugere que examinar a si mesmo tem o objetivo de alcançar uma dimensão única: “a totalidade da vida” (1978, p. 145). Essa totalidade não se refere apenas ao entendimento intelectual, mas a uma compreensão profunda e integral da própria existência. O processo de autoconhecimento torna-se, portanto, uma jornada interna que conecta alguém a sua essência mais verdadeira, e essa conexão interna pode ser vista como um reflexo da relação com o “Tu Eterno”.



Da perspectiva de Buber, esse processo de autoconhecimento é essencial porque envolve uma exigência interna profunda. Ele destaca que essa exigência não é apenas um desejo superficial de saber mais sobre si, mas um questionamento que vem das profundezas do ser. É um ato vital, uma vez que a própria existência da pessoa que está se questionando depende disso. Sem essa introspecção, a vida pode se tornar superficial e desconectada de sua verdadeira essência (Zuben, 1979).

## **AUTOCONEXÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Sobre a percepção da espiritualidade durante o período pandêmico, foi dito que

A quarentena, como o Gustavo [nome fictício] falou, me proporcionou muitos momentos sozinha e eu consegui me conectar diretamente comigo, me entender melhor na quarentena, entender meus sentimentos e isso pra mim é a minha espiritualidade (Aluno 5).

Buber afirma que “no gelo da solidão é quando o homem, implacavelmente, sente-se como problema, questionando a si mesmo. Como a questão faz entrar em jogo o mais recôndito de si, o homem cobra experiência de si mesmo” (Buber, 1985, p. 24). Esse estado de isolamento, como o vivido durante o período pandêmico, forçaria o indivíduo a confrontar suas próprias questões existenciais. O questionamento que surge nesse contexto não é superficial; ao contrário, o pensamento de Buber leva a crer que é um processo que envolve o que há de mais profundo e recôndito no ser humano. A solidão, portanto, serviria como um catalisador para o autoconhecimento, pois é nesse estado que o indivíduo é confrontado com suas próprias verdades e dilemas internos.

Para Buber (1985), o autoconhecimento não é apenas um exercício intelectual, mas uma experiência profunda que exige do indivíduo uma reflexão honesta e intensa. Ele descreve esse processo como uma cobrança de experiência de si mesmo. Isso significa que o homem deve buscar dentro de si as respostas para suas próprias questões e buscar experiências profundas dentro de si, levando-o a uma compreensão mais completa e integral de quem é.

A experiência da quarentena, na visão do estudante, facilitou momentos de introspecção e conexão consigo mesmo e com o Divino. Na relação “Eu-Tu”, descrita por Buber, se vê uma dimensão que não está restrita às interações interpessoais, mas também inclui uma relação significativa com o próprio eu e com Deus. A quarentena, aparentemente,



proporcionou um ambiente propício para esses encontros, evidenciando a relevância da filosofia de Buber em contextos de isolamento social.

## DIFERENCIAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

Por fim, na fala “Eu acho que religião é tipo uma doutrina e espiritualidade não está relacionada a isso, pelo menos na minha visão. Você pode ter uma espiritualidade, por exemplo, de uma conexão que ele falou”, percebe-se a distinção entre religião e espiritualidade feita pelo aluno, que sugere que a espiritualidade, para ele, está mais relacionada a experiências pessoais e conexões significativas, em contraste com as doutrinas e práticas formais da religião.

Isso é consoante com a visão de Buber, que enfatiza a vivência de relações “Eu-Tu” autênticas como o núcleo da experiência espiritual, além das estruturas religiosas formais. O discurso, encontrado nessas prosas, reflete uma concepção de espiritualidade que está profundamente alinhada com a teoria das relações “Eu-Tu” de Martin Buber. De acordo com Von Zuber, para Buber, “o primeiro [Espiritualidade] pertence ao domínio do Tu, na fé, ao passo que o segundo [religião] pertence ao mundo do “Isso”, dos ensinamentos doutrinários, dos conteúdos da fé, das instituições” (2017, p. 797).

Para Buber, a experiência espiritual autêntica está enraizada nas relações que ele define como “Eu-Tu”, uma interação genuína onde o “Tu” é visto em sua totalidade e singularidade, em oposição ao “Eu-Isso”, que se refere a uma relação de objetificação, onde o outro é reduzido a um objeto ou a uma função (Buber, 1978). Nesse contexto, a espiritualidade é vivida como um encontro profundo e presente, que vai além das formalidades e estruturas.

Segundo esse pensamento, esse tipo de relação é o cerne da experiência espiritual, pois nela há um reconhecimento mútuo e uma abertura para o outro em sua plenitude. Quando o aluno menciona a espiritualidade como uma “conexão”, ele toca precisamente na essência do que Buber valoriza: a espiritualidade como algo dinâmico e vivo, que ocorre na relação de um com o outro, seja essa relação com uma pessoa, com a natureza ou com algo transcendental (Pena, 2019).

A teoria de Buber propõe que a verdadeira espiritualidade se manifesta nesses encontros de abertura e reconhecimento, que são espontâneos e não podem ser rigidamente estruturados ou formalizados, como ocorre muitas vezes nas práticas religiosas. Assim,





enquanto a religião pode envolver ensinamentos, rituais e tradições (o que Buber chamaria de mundo do "Isso"), a espiritualidade, para Buber, pertence ao domínio do "Tu".

A espiritualidade estaria ligada, assim, à sensibilidade humana, renovando-se continuamente e sendo capaz de despertar entusiasmo e admiração. Por meio da espiritualidade, o ser humano entra em contato vivo com Deus. A religiosidade, por outro lado, se constituiria de um conjunto de usos, ritos e leis que são impostos.

Buber reconhece na espiritualidade um elemento de criatividade e uma busca constante por renovação e aperfeiçoamento, e se caracterizaria pelo encontro com o Absoluto, enquanto a religiosidade se definiria pela submissão à norma. Esta se contentaria em manter o eu existente; aquela, porém, seria orientada para a renovação (Buber, 1974; Zuben, 2015).

Durante a quarentena, muitos jovens, como revelam as falas analisadas, buscaram formas de lidar com o isolamento e as incertezas, o que aumentou o interesse por experiências de conexão e introspecção. A espiritualidade, então, emerge como uma via significativa de autoconhecimento e busca por sentido. Em contraste, a religião formal pode, para eles, parecer distante ou insuficiente para suprir as necessidades emocionais e existenciais que surgiram durante esse período. A busca por uma espiritualidade sem as fronteiras da religião reflete a necessidade de vivências que permitam uma interação direta e sem mediações com o outro e com o mundo, algo que se aproxima do conceito de "Eu-Tu".

A visão do aluno e, talvez, de muitos outros jovens quanto à espiritualidade aponta para a relevância das ideias de Buber em um contexto contemporâneo, onde a valorização da individualidade e a busca por sentido se tornam prementes. A espiritualidade, nesse sentido, é percebida como um espaço onde a presença e o valor do outro são reconhecidos de forma integral. Ela é uma forma de interação em que "as máscaras caem" e que permite um encontro verdadeiro, que não exige preceitos doutrinários ou a intermediação de estruturas formais.

Em suma, Buber (1974) convida seu leitor a entender a espiritualidade não como algo que pode ser imposto ou formalizado, mas como um fenômeno que floresce na relação e na presença, sendo uma vivência que, tal como expressa o aluno, transcende o campo do "Isso" e se situa na profundidade do "Tu".



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das falas encontradas nessas prosas sobre o conceito de espiritualidade entre os jovens revela uma perspectiva contemporânea essencial para compreender as dinâmicas espirituais na sociedade atual. Estudos que valorizam a percepção dos jovens são cruciais, pois oferecem *insights* autênticos sobre como as novas gerações interpretam e vivenciam a espiritualidade, muitas vezes de maneiras que desafiam as convenções tradicionais. A valorização dessas percepções não apenas enriquece o campo de estudos da espiritualidade, como também proporciona um entendimento mais profundo das necessidades e aspirações espirituais dos jovens.

Os jovens entrevistados frequentemente associam espiritualidade à ideia de conexão, que pode ser com Deus, com outras pessoas, ou consigo mesmos. Eles descrevem-na como algo intrinsecamente ligado a sentir-se conectado com aquilo em que acreditam. Essa visão está alinhada com a teoria de Martin Buber, que sugere que a espiritualidade emerge na relação Eu-Tu, onde o encontro autêntico e significativo com o outro, seja ele humano, divino ou natural, é central. A relação “Eu-Tu” implica um envolvimento profundo e genuíno, sem objetificação do outro, ressoando com a ideia de uma conexão autêntica e plena.

As falas dos alunos também destacam a ideia de uma conexão indireta com um ser divino, que pode ser entendida como uma introspecção e uma conexão consigo mesmo. Esse conceito está em consonância com a filosofia de Buber, que vê o autoconhecimento como um ato vital para a vida. Examinar a si mesmo visa alcançar uma dimensão única: a totalidade da vida. Esse processo não é apenas intelectual, mas envolve uma compreensão profunda e integral da própria existência. A introspecção permite ao indivíduo conectar-se com sua essência mais verdadeira, refletindo a relação com o “Tu Eterno”.

A experiência da pandemia de COVID-19, que forçou muitos jovens a períodos prolongados de isolamento, parece ter sido um contexto propício para a introspecção e o autoconhecimento. Como Buber observou, na solidão o indivíduo é confrontado com suas questões mais profundas e recônditas. A solidão serve, assim, como catalisador para o autoconhecimento, pois é nesse estado que o indivíduo é forçado a enfrentar suas próprias verdades e dilemas internos. Durante a quarentena, muitos jovens disseram que encontraram na introspecção uma forma de espiritualidade, conectando-se consigo mesmos e com suas crenças de maneiras profundas e significativas.



Por fim, os jovens destacaram uma distinção clara entre religião e espiritualidade. Enquanto a religião é vista como uma doutrina formal, a espiritualidade é percebida como uma experiência pessoal de conexão significativa. Essa distinção ecoa a visão de Buber, que coloca a experiência espiritual autêntica na vivência de relações “Eu-Tu”, em oposição às estruturas e ensinamentos formais da religião. A espiritualidade seria vivida como um encontro genuíno, onde a presença do outro é plenamente reconhecida e valorizada.

Em suma, as percepções dos jovens sobre espiritualidade refletem uma busca por conexões autênticas e significativas, alinhadas com a filosofia de Martin Buber. A distinção entre religião e espiritualidade, a importância da introspecção e a valorização das conexões profundas durante a quarentena demonstram a relevância contemporânea das ideias de Buber. A espiritualidade, na visão desses jovens, é uma experiência de encontro genuíno e de profunda conexão, seja com o outro, consigo mesmo ou com o “Tu Eterno”.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de pesquisa**, n. 45, p. 66-71, 1983. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1491>. Acesso em: 03 dez. 2024.

ARAÚJO, W. **Ética e alteridade**: uma leitura a partir da filosofia de Martin Buber e suas implicações para a compreensão do outro. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10849>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Qualitative research for education**: an introduction to theory and methods. 3 ed. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

BOHNSACK, R. **Pesquisa social reconstrutiva**: introdução aos métodos qualitativos. Petrópolis: Vozes, 2020.

BUBER, M. **Eu e Tu**. 6 ed. São Paulo: Centauro, 1974.

BUBER, M. **Humanismo hebreo y nuestro tempo**. 2 ed. Buenos Aires: Porteñas, 1978.

BUBER, M. **¿Qué es el hombre?** México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.



DRESNER, E.; SIEBERS, J. I interpret you: Davidson and Buber. **The review of metaphysics**, v. 73, n. 1, p. 109-126, 2019.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1995.

KEGLEY, C. **The theology of Emil Brunner**. New York: Macmillan, 1962.

KRAMER, K. **Martin Buber's I and Thou: practicing living dialogue**. New York: Paulist Press, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARDALENA, O. **Prose, an introduction**. Yogyakarta: Deepublish, 2014.

MINAYO, M. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

NDUBISI, E. Igwebuiké Ideology and Martin Buber's I-Thou theory: towards a model for authentic existence. **IGWEBUIKE: African journal of arts and humanities**, v. 6, n. 8, 2020. Disponível em: <https://www.acjournals.org/index.php/iaajah/article/view/962>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PAWSON, D. **Unlocking the Bible: a unique overview of the whole bible**. New York: HarperCollins, 2012.

PENA, A. "Toda vida atual é encontro": contribuições de Martin Buber para a Educação. **Educação**, v. 42, n. 3, p. 506-513, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.3.29874>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SCOTT, J.; SCOTT, R.; MILLER, W.; STANGE, K.; Crabtree, B. Healing relationships and the existential philosophy of Martin Buber. **Philosophy, ethics, and humanities in medicine**, v. 4, p. 1-9, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1747-5341-4-11>. Acesso em: 12 jun. 2024.

STEVENSON, T. I-Thou and I-It: an attempted clarification of their relationship. **The Journal of religion**, v. 43, n. 3, p. 193-209, 1963.

STROUMSA, G. Buber as an historian of religion: presence, not gnosis. **Archives de Sciences Sociales des Religions**, n. 101, p. 87-105, 1998. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/assr\\_0335-5985\\_1998\\_num\\_101\\_1\\_1206](https://www.persee.fr/doc/assr_0335-5985_1998_num_101_1_1206). Acesso em: 24 jun. 2024.

ZUBEN, N. Eclipse do humano e a força da palavra: Martin Buber e a questão antropológico. **Reflexão**, v. 4, n. 13, 1979. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/11641>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ZUBEN, N. Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber. **HORIZONTE: Revista de estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 13, n. 8, p. 941-968, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2015v13n38p941>. Acesso em 20 jun. 2024.



ZUBEN, N. A Revelação no pensamento de Martin Buber. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, v. 9, n. 3, p. 785-809, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.003.A004>. Acesso em 23 jun. 2024.